

# Comunidades e famílias multi espécies:

APORTES À SAÚDE ÚNICA EM PERIFERIAS



Instituto de  
Estudos  
Avançados da  
Universidade de  
São Paulo



amavisse

Oswaldo Santos Baquero e Érica Peçanha (Organizadores)

# **Comunidades e famílias multiespécies: aportes à Saúde Única em Periferias**

DOI USP 10.11606/9786588152218



**Oswaldo Santos Baquero**  
**Érica Peçanha**  
(organizadores)

**Comunidades e famílias multiespécies:  
aportes à Saúde Única em Periferias**



## **Ficha técnica Editora Amavisse**

### **Conselho Científico**

Ana Maria Haddad Baptista (PUC/SP)  
Cecília Pescatore Alves (PUC/SP)  
Érica Peçanha do Nascimento (USP)  
Geruza Zelnys de Almeida (UNIFESP)  
Lidiane dos Anjos (PUC/SP)  
Lilian Amadei Sais (USP)  
Marina Silva Ruivo (USP)  
Paula Chagas Autran Ribeiro (USP)  
Pricila Gunutzmann (PUC/SP)  
Sonia Regina Albano de Lima (PUC/SP)  
Solange Aparecida Emílio (USP)  
Vânia Warwar Archanjo Moreira (Mackenzie -SP)  
Vanilda Aparecida dos Santos (PUC/SP)

### **Editora**

Pricila Gunutzmann

### **Revisora**

Maíra Vale

### **Fotografia de capa**

Oswaldo Santos Baquero

### **Capa, projeto gráfico e diagramação**

Henrique Lourenço  
@henriqueloren

Copyright © 2021 by Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo

Comunidades e famílias multiespécies: aportes à Saúde Única em Periferias, 2021.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citadas a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Fabio Osmar de Oliveira Maciel – CRB-7 6284

C741

Comunidades e famílias multiespécies: aportes à Saúde Única nas Periferias /  
Oswaldo Santos Baquero, Érica Peçanha (organizadores). – 1. ed. – São  
Paulo : Editora Amavisse, 2021.

1700 Kb. ; PDF – (Coleção Democracia, Artes e Saberes  
Plurais - IEA/USP).

ISBN 978-65-88152-21-8

DOI USP 10.11606/9786588152218

1. Ciências Sociais. 2. Humanidades. 3. Estudos multiespécies. 4. Saúde. 5.  
Periferias - São Paulo (SP). 6. Universidade de São Paulo. I. Peçanha, Érica. II.  
Título. III. Série.

322-235-21

CDD : 300

Editora Amavisse – Selo de Livros  
Acadêmicos da Editora Patuá.  
Rua Luís Murat, 40 – Pinheiros  
São Paulo – SP – CEP: 05436-050  
[www.editorapatua.com.br](http://www.editorapatua.com.br)  
Cel.: (11) 98365-4985  
[editoraamavisse@gmail.com](mailto:editoraamavisse@gmail.com)

# **Apresentação: periferias do saber, urbanas e animais**

*Oswaldo Santos Baquero*

As periferias são vivenciadas e teorizadas, exploradas e negligenciadas, assistidas e incompreendidas, reinventadas. Nas universidades é de se esperar uma relação teórica com as periferias, mas não apenas. As universidades em si tornam-se periféricas quando localizadas no Sul global e longe do topo nas listas coloniais de ranqueamento. Dentro das universidades, as periferias também estão presentes. Tomando como exemplo as brasileiras, é clara a maior porcentagem de mulheres negras nos trabalhos menos valorizados – como a limpeza de banheiros – quando comparada com a a escassez delas no corpo docente. Por outro lado, as ações afirmativas, embora insuficientes, têm ampliado o ingresso de estudantes oriundos de contextos periféricos. Entretanto, o ingresso por si só não resolve a marginalização e em certa forma se configura como um deslocamento não inclusivo, uma passagem das periferias externas à universidade para as internas. Estando dentro, os saberes periféricos têm relativamente pouco espaço, ainda mais se proferidos desde a graduação ou posições não acadêmicas.

Este livro abre um espaço desde o cruzamento entre periferias do saber, urbanas e animais. Surge principalmente da vivência de estudantes de graduação da Universidade de

São Paulo (USP), ligados à rede Saúde Única em Periferias (SUP) e/ou ao Censo Pontes e Vivências de Saberes do Instituto de Estudos Avançados da USP. Nos projetos da rede SUP e no censo, a seleção de estudantes privilegiou quem estava em situação socioeconômica desfavorável, tinha vivências periféricas ou interesse por questões sociais e, no caso do censo, também foi privilegiado o desempenho acadêmico. Conjuntamente, os projetos possibilitaram a participação de 72 estudantes nos anos 2019 e 2020, sendo 61 de graduação procedentes de 23 cursos e 11 da pós-graduação, de sete programas diferentes. O contexto do censo dado pelo projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais (DASP) será apresentado no capítulo “A USP em relação com as comunidades periféricas: percepções a partir de um projeto de pesquisa e extensão”, enquanto a análise dos dados censitários será objeto de outros dois livros. Aqui vale adiantar que nas comunidades recenseadas encontramos que os domicílios tinham mais animais de companhia do que crianças, 50 tipos de animais foram identificados em conflitos multiespécies e diversos foram os motivos para se responsabilizar pelo cuidado de plantas.

Os censos proporcionam dados indispensáveis para o planejamento de ações populacionais – seja em favor ou em detrimento das periferias – e ganham valor com os avanços computacionais que permitem extrair cada vez mais informações. A inteligência artificial tem popularizado a lógica assentada na detecção de regularidades para pre-

dizer tendências e efeitos de intervenções, residindo nisso sua potência e limitação. Cada variável é uma dimensão e quanto mais variáveis, maior o número de possíveis combinações entre elas e de informações extraíveis. Isto desafia os algoritmos de aprendizado de regularidades. É o que em programação se apelida de maldição da dimensionalidade (*curse of dimensionality*). Em outras palavras, explosão combinatória, diversidade, singularidade e subjetividade além do algoritmo dissolvendo regularidades.

As alunas e os alunos que escreveram os capítulos trazem um pouco disso, do que escapa à análise censitária convencional. Relatos, ficções, lembranças e dados não registrados no formulário, misturados por vezes com uma pitada de dados propriamente censitários. Foram 22 estudantes de graduação, três doutorandos, dois pós-doutorandos e dois professores, a maioria de origem periférica. As áreas de formação dos 29 coautores envolvem 18 cursos e as contribuições não se restringem a elas. O elo entre os capítulos são as experiências periféricas envolvendo humanos e outros viventes nas atividades de campo dos projetos, e em alguns casos, nas vivências periféricas prévias.

Organizei este livro com a minha cara colega Érica Peçanha, a quem agradeço por essa empreitada e pelo trabalho excepcional na coordenação das atividades pedagógicas e de campo do censo. No processo de revisão valorizamos as contribuições originais independentemente das ideias



elaboradas, limitando-nos a sugerir considerações pontuais, nem sempre incorporadas. Isso veio justamente ao encontro do que procurávamos, não a defesa de determinados posicionamentos (por mais que isso seja parte da nossa atuação em outros contextos) e sim a reunião de saberes plurais, aportados desde diferentes momentos e lugares.

Tal pluralidade também reside na Saúde Única em Periferias (SUP), um campo de práxis emergente, relativo à vivência, entendimento e transformação de coletivos multiespécies marginalizados. Os entendimentos da saúde definem o que está no campo da saúde, quem pode e deve tê-la, bem como o escopo e o tipo de práticas de saúde. Portanto, a construção e a desconstrução de saberes sobre a saúde é uma prática que muda a prática, uma metaprática. Daí parte o argumento que chega à ecologia de saberes como indispensável para a promoção decolonial da SUP, reconhecendo que a saúde sempre foi de coletivos multiespécies e não apenas humana<sup>1</sup>. Este livro oferece recursos para pensar tal promoção.

\*\*\*

---

1. BAQUERO, Oswaldo Santos. One Health of Peripheries: Biopolitics, Social Determination, and Field of Praxis. **Frontiers of Public Health**, v.9, p. 1-12, jun. 2021.

BAQUERO, Oswaldo Santos; FERNÁNDEZ, Mario Nestor Benavidez; AGUILAR, Myriam Acero. From Modern Planetary Health to Decolonial Promotion of One Health of Peripheries. **Frontiers of Public Health**, v.9, p. 1-11, jun. 2021.

A antropóloga Érica Peçanha e o graduando em Gestão de Políticas Públicas Kaio Gabriel Gameleira da Silva escreveram o capítulo “A USP em relação com as comunidades periféricas: percepções a partir de um projeto de pesquisa e extensão”. O Kaio é também morador da Vila Guaraciaba, um dos territórios pesquisados no censo. Os autores começam o capítulo trazendo uma noção antropocêntrica de comunidade, para depois contrastá-la com uma noção multiespécie e pontuar a conotação prevalecente no contexto universitário. No caso da USP, são várias as iniciativas comunitárias e o capítulo foca numa delas, o projeto Democracia, Artes e Saberes Plurais (DASP), conformado por três frentes: Centralidades Periféricas, Conexões USP-Periferias e o censo. Sobre este último, descrevem de forma geral seus propósitos, logística, caráter multiespécie e ações pedagógicas a partir de ações afirmativas. O Kaio relata sua condição ambivalente, marcada pela fronteira entre seu bairro e sua universidade. Primeiro morador, depois morador e estudante da USP. Enquanto morador, percebia aquele lugar distante e alheio do outro lado do muro. Ao cruzá-lo e virar estudante, ganhou compreensão das múltiplas discriminações sofridas pelos seus vizinhos dentro da universidade. Desde então, tem se envolvido na luta por quebrar essa barreira. Foi assim que terminou participando no censo, com o qual ganhou e ofereceu outros entendimentos, deu sentido ao censo animal e percebeu como “os animais” se

prestam também para discriminações entre humanos. O capítulo fecha com uma reflexão sobre as expectativas e possíveis desdobramentos do DASP.

Yasmin da Silva Alexandre, graduanda em Medicina Veterinária, é a autora de “Saúde coletiva e as famílias multiespécies nas periferias urbanas”. Nasceu e cresceu no Jardim São Remo, outro dos territórios pesquisados no censo e lugar onde acontecem vários projetos da rede SUP. O capítulo é um resgate de memórias pessoais e exemplifica histórias nordestinas de migração às periferias urbanas. Seu pai veio de Ferreiros (PE) e construiu uma casa numa rua icônica da luta comunitária do Jardim São Remo, a Travessa Luiz Carlos Viotti. Ele teve canários para lembrar o Nordeste, mas a vontade de ver essas aves livres foi maior e deixou de tê-las em gaiolas. Para a Yasmin, seu nascimento e a constituição multiespécie da sua família são fenômenos coetâneos. As lembranças de infância a remetem à relação com cães semidomiciliados e comunitários, desde uma cadela vítima de violência sexual, às infecções que se espalhavam na sua família multiespécie, às dificuldades de acesso a serviços médico-veterinários. A Yasmin nos conta o que se costuma calar, a infiltração da violência na sua própria casa, onde os ratos também se adentravam e seus caros familiares não humanos eram abandonados. Desde a academia conceitua-se a intrincada relação entre violência interpessoal e violência contra outros animais, assim como as zoonoses e as deter-

minações sociais da saúde. A Yasmin compreende bem esses objetos de estudo desde a infância. Em retrospectiva, ela vê a carência de informações que acompanhou seu crescimento na comunidade São Remo. Entende-se, assim, o envolvimento dela nas ações educativas da rede SUP na São Remo, que descreve como “objetivando provocar conflitos nos indivíduos, criando assim oportunidade da pessoa pensar e repensar a sua cultura e ela própria transformar sua realidade”.

Quem escreve “O animal no cotidiano: o olhar de um pesquisador de campo” é o Douglas Henrique Santos da Silva, graduando em Gestão de Políticas Públicas e em Direito. No início, uma citação do Guimarães Rosa, que em uníssono com Derrida, lembra-nos da diferença entre “o animal” e “os animais” não humanos. Há subjetividades animais e o censo, mesmo sem exprimi-las nos seus dados, é considerado pelo Douglas como uma inovação por abordar a demografia de três espécies animais além da humana. O Douglas reflete sobre os anseios e as responsabilidades presentes na relação dos moradores entrevistados com seus companheiros não humanos, deixando de lado a imagem da família matrimonializada, para entender arranjos multiespécies moldados por forças sociais em que alguns animais assumem o estatuto de “bichos de estimação”, “companhia das crianças”, “filhos ou filhas”. Isso nas periferias urbanas, no Jardim Keralux, outro dos territórios pesquisados pelo censo, onde a solidão da terceira idade encontra alívio na

companhia de outras espécies animais. Entre as anedotas, reaparece a triangulação origem-migração-pássaro também comentada pela Yasmin, desta vez no formato de um papagaio vindo da Região Norte com seu companheiro humano, orgulhoso da liberdade e autonomia do papagaio que transita pelas redondezas da sua casa. Nos interstícios das entrevistas, o Douglas se depara com o esforço dos entrevistados para superar os entraves do cotidiano esmagador a fim de abrir um espaço para poder passear com seus companheiros não humanos. Em suma, motivações mais-que-humanas em busca do bem viver.

“*Byenveni!* Da ilha caribenha ao Jardim Keralux: reflexões sobre a presença e interação com a comunidade de imigrantes haitianos na zona leste de São Paulo”. Isso mesmo, *Byenveni*, não *Bienvenue*, em crioulo hatiano, pois é deles que escrevem a Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos, doutoranda em Mudança Social e Participação Política, e a Diana Cristina Enriquez Cueva, graduanda em Ciências Biológicas. As autoras nos trazem mais uma dimensão das multiplicidades periféricas, a periferia haitiana compondo e complexificando a periferia do Jardim Keralux. Propõem-nos uma viagem no tempo para situar-nos no marco decolonial instituído com a primeira república negra das Américas antes de referenciar o Hati atual, marginalizado até o ponto de expelir muitos dos seus habitantes. Alguns vieram parar em casas improvisadas no Brasil, onde lutam para pagar os aluguéis

que garantem essas moradias pequenas, escuras, úmidas e pouco ventiladas. Jacqueline e Diana perceberam o arraigo cultural da comunidade haitiana dentro do Jardim Keralux, graças ao intérprete Charles Pierre que traduzia as perguntas do questionário do censo e retornava respostas e histórias. A pergunta “Você se considera negro?” parecia fora do lugar haitiano, assim como o convívio com animais de companhia. Jacqueline e Diana atribuem a ausência desses animais nos domicílios à falta de condições para cuidá-los, pois a situação dos haitianos é particularmente desafiadora, em vista das dificuldades linguísticas somadas aos abusos policiais e à exploração laboral. Mas, sobretudo, a atribuem a diferenças culturais, em especial religiosas.

Eduarda Rodrigues é graduanda em Letras e a partir da sua vivência como recenseadora na São Remo se incluiu como personagem em “Visita do censo”, uma ficção especular na qual se enxerga através dos olhos de uma entrevistada. Ela narra o peso acrescentado pelas entrevistas a cotidianos atribulados e saturados, à dificuldade de parar para responder enquanto a casa não para. Atender a entrevistadora é abrir a porta e expor intimidades. A narrativa introduz medos históricos da São Remo, como o expressado pelo receio do censo ser um estratagema da USP para expulsar os moradores da comunidade, pois parte do terreno da São Remo é propriedade da universidade. A mulher que atende a entrevista se lamenta do sucateamento do Hospital

Universitário, onde nasceram todos os filhos e onde hoje as possibilidades de atendimento são remotas. Debate-se entre encerrar os filhos numa casa minúscula de um cômodo ou deixá-los brincar entre o esgoto que circunda o lar, onde crianças vizinhas já foram atropeladas. Na entrevista, a mulher ouve termos estranhos como cisgênero e transgênero e uma pergunta sobre sua cor de pele, que por sinal não é branca, é negra como a da Eduarda. A mulher não sabe responder, pergunta à Eduarda qual a cor dela, mas como ela não responde, fica sem referência e assinala “parda”. A entrevistada tem medo dos ratos mexerem nas roupas das crianças e na comida; quer um gato, mas não tem espaço. Assim, a entrevista da sua casa não tem dados demográficos sobre cães, gatos ou pássaros. Porém, ela comenta sobre a vizinha, que se diz mãe da Mel, uma porquinha-da-Índia na qual gasta bastante dinheiro. A vizinha e o marido não têm filhos e estão satisfeitos com a Mel, mas não com a entrevista, pois só coletou detalhes demográficos de cães, gatos e pássaros. Da Mel apenas registrou sua presença como se ela fosse menos que cachorro ou gato.

Amanda Escobar Costa é graduanda em História e junto à Isadora Nunes Ferreira, graduanda em Gestão de Políticas Públicas, escreveu “Relações entre infraestrutura urbana, animais e saúde nos territórios de Jardim Keralux e Vila Guaraciaba”. Elas relatam como num período relativamente curto o território albergou um empreendimento

industrial falido, foi apropriado por um banco e passou por processos de grilagem, ocupação irregular, ameaças de reintegração de posse e regularização fundiária. Partindo de discussões sobre favelas paulistanas, habitação e direto à cidade, abordam a heterogeneidade interna no Jardim Keralux e na Vila Guaraciaba em termos de infraestrutura, saneamento básico e riscos à saúde de pessoas e outros animais. Para isto, valem-se da experiência que adquiriram como recenseadoras, analisam dados do censo e acrescentam informações obtidas numa entrevista com a Laís Rodrigues da Cunha, moradora que ajudou a articular os trabalhos de campo do censo. A Amanda e a Isadora mostram que o avistamento de escorpiões e cobras foi mais frequente entre os moradores de domicílios próximos a um córrego a céu aberto. Já a Laís trouxe na entrevista preocupações de saúde humana e animal decorrentes da contaminação do ar e da água, bem como a necessidade de ter uma Unidade Básica de Saúde com capacidade para atender a demandas de uma população em crescimento. Essas preocupações somam-se àquelas associadas a alagamentos e problemas de contaminação ambiental e de saúde denunciados há mais de uma década. Assim, a precariedade que a Amanda e a Isadora encontraram durante o recenseamento vem de longa data, mostrando o descaso com demandas para atender necessidades básicas das comunidades periféricas.



Danilo Sato atuou em todos os territórios recenseados: Jardim Keralux, Vila Guaraciaba, Jardim São Remo e Sem Terra. Cursa o doutorado em Geografia e escreveu “Da cidade sustentável à periferia multiespécie”. A reflexão do Danilo procede da experiência na coordenação das atividades de campo do censo, somada aos debates sobre cidades sustentáveis. Ele apresenta conceitos de tal debate, para quem tem interesse em se aprofundar no assunto: sustentabilidade fraca e forte, ecologia profunda, cidades cinzas e verdes. Na visão dele, o recenseamento multiespécie ajuda a situar a complexidade dos territórios, as agências humanas e não humanas, as possíveis coexistências e os caminhos para construir cidades mais-que-humanas. No campo ganhou intimidade com o espaço dos territórios e no capítulo contextualiza a localização mediante sistemas de informação geográfica. Mostra-nos o Jardim Keralux e a Vila Guaraciaba entre as várzeas do Rio Tietê e limitados por áreas arbóreas para explicar porque nessas comunidades houve relatos de avistamento de espécies animais selvagens. Contrasta isso com o terreno inclinado e verticalizado do Jardim São Remo e Sem Terra, onde os relatos envolviam espécies sinantrópicas típicas de ambientes urbanos. O Danilo chama a atenção para a heterogeneidade socioambiental interna dos territórios e a conveniência da saúde única para equacionar riscos sanitários nas periferias.

A marginalização dos coletivos multiespécies nas periferias urbanas é a contribuição da Raquel de França

Bezerra, graduanda em Ciências Contábeis e moradora da periferia. O capítulo começa com uma foto na qual se reconhece o contorno da cabeça de um gato e no fundo uma periferia urbana. Logo depois vem uma citação da Carolina Maria de Jesus: “A favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos”. E a Raquel retrata a marginalização dos seres vivos dos territórios periféricos como um abismo social mais-que-humano, marcado por hierarquias de classe, raça e espécie. Ela mora numa comunidade periférica parte de uma reserva ambiental, onde presencia carros chegando para abandonar cachorros e gatos, onde os animais são jogados junto aos escombros e ao lixo. Por isso, as palavras da Carolina de Jesus têm significado literal. A Raquel associa tais vivências à resposta que os moradores da São Remo davam à pergunta sobre a forma de aquisição dos cachorros e dos gatos, já que nas entrevistas realizadas por ela foram frequentes os relatos de animais abandonados pegos na rua, alguns despejados na porta da casa dos moradores. O rosto sem traços do gato na fotografia do início não é fortuito, a Raquel fala das representações da periferia sem rosto, onde todos os indivíduos são estereotipados e iguais. A crítica da Raquel, fundamentada no pensamento abissal do Boaventura de Sousa Santos, dirige-se contra a civilização capitalista vendedora de um modelo de bem-estar consumista. Modelo em que o valor dos indivíduos advém do capital associado a eles, enquanto

outros atributos são secundários e objeto de marginalização. Assim, ela exemplifica com o documentário *Ilha das flores*, “[o] que coloca os seres humanos da ilha das flores depois dos porcos na prioridade da escolha de alimentos é o fato de não terem dinheiro nem dono”.

Francisca Eveline dos Santos é estudante de Medicina Veterinária e escreveu “Sobre saúde e o lugar onde cresci”. Sua família emigrou do Nordeste em busca de melhores oportunidades e foi parar no Pimentas, bairro periférico de Guarulhos onde a maioria das memórias de infância da Francisca foram construídas e algumas corroboram a fama de periculosidade do local. Ela resgata lembranças que hoje relaciona com o que vem aprendendo sobre saúde coletiva. Naquilo que antes via apenas brincadeira – acesso a torres de eletricidade que deveriam estar isoladas, a terrenos utilizados como depósito de entulho – hoje vê também, sob a influência da epidemiologia moderna, fatores de risco. Recorda a dificuldade para andar na rua em que se localizava sua casa, pois a inclinação, principalmente em dias de chuva, era insuperável para alguns carros e causa de acidentes para sua avó e outros familiares. Também mostra que a falta de água, uma ameaça até difícil de imaginar em outras classes sociais, era realidade para ela e sua família nordestina, mesmo no polo econômico e metropolitano da América do Sul. No curso de graduação ela ouviu falar sobre doenças transmitidas por alimentos, zoonoses, controle de roedores

e comércio de fauna. Na infância via porcos abertos e pendurados no bar, ratos em decomposição na caixa d'água da casa da sua sobrinha bebê, mercados vendendo animais vivos. A partir de novos conhecimentos, a Francisca dá outros sentidos a suas memórias e imagina que os adultos da sua infância eram cientes dos riscos sanitários, porém, não tinham condições materiais para superá-los.

Luciana Lima Marques é graduanda em Ciências Sociais e graduanda em Saúde Pública e autora de “Retratos etnográficos: a relação entre animais e humanos e a interface de saúde e meio ambiente na periferia São Remo”. Uma das entrevistas que a Luciana fez na São Remo foi numa casa com onze cachorros. A entrevista não foi fácil, pois a moradora respondente estava em luto, tinha perdido recentemente o marido, com quem a filha tinha ensaiado a valsa para a festa de quinze anos a ser realizada no mês seguinte. Entretanto, as perguntas sobre os animais amenizaram a entrevista, a moradora trouxe afetos e resgatou memórias da sua família e de passeios com os animais. Dos choros passou a sorrir com o relato da companhia recebida pelos seus cachorros. Para a Luciana, os animais aumentaram a aceitação das entrevistas e os moradores tornavam-se mais receptivos ao ver como ela interagia com os animais na rua. Encontrou gansos, hamsters, porquinhos-da-Índia, coelhos e vários tipos de pássaros. Também se deparou com a divisão de postura quanto à presença de animais selvagens na comu-

nidade. Enquanto alguns gostavam desses animais, outros criticavam a prática de ter pássaros em gaiolas. Como em outros capítulos, no texto da Luciana os animais aparecem como motivação para obter uma moradia mais espaçosa, apta para o convívio multiespécie, e até como motivação para sair da periferia. Os relatos da Luciana trazem subjetividades animais e particularidades dos diferentes contatos multiespécies que ela estabeleceu no campo. Isso é complementado por reflexões sobre a cooperação e os conflitos multiespécies na comunidade.

Ricardo Lima da Silva, graduando em Geografia, escreveu dois capítulos: “Especismo: vamos pensar sobre isso” e “Vida eletrônica, vida em condição periférica e a felicidade possível”. No primeiro coloca o sistema hegemônico atual como a provável causa que leva as pessoas a ignorarem a boa vida dos animais e a São Remo como exemplo de resistência passível de ser replicado. As pessoas da São Remo, apesar da escassez de recursos para si, conseguem aportar à boa vida dos seus animais. E se na São Remo é possível, em outros lugares deve sê-lo também. Tal é o ponto de partida para imaginar futuros menos especistas mediante um experimento mental. Acreditando que a colonização de Marte ocorrerá nas próximas décadas, o Ricardo imagina gerações humanas marcianas com uma visão particular da Terra, mais ciente do valor dos recursos finitos e da natureza, especialmente dos animais. Retrata os humanos terrestres

como primitivos e tribais, organizados em moldes patriarcais, sexistas e racistas. Nos humanos marcianos e compassivos vê a possibilidade de outras formas de organização mais evoluídas, capazes de alcançar um estágio de modernidade desejável, sob uma economia mercantil e extrativista. Assim, trata-se de um cenário em que esse tipo de economia e a noção de modernidade, tidas como o problema em várias perspectivas críticas, passam a ser parte da solução, ou pelo menos, compatíveis com um futuro melhor. Em “Vida eletrônica”, o Ricardo trabalha a analogia entre o papel dos animais domésticos nas famílias multiespécies e o papel dos animais virtuais de um jogo eletrônico de mundo aberto. Em ambos os casos, cada um com suas particularidades, os animais satisfazem a necessidade humana por afeto e sociabilidade, produto da coevolução neurobiológica. Na São Remo, o Ricardo vê condições de vida pouco favoráveis à aquisição de um jogo de quase três mil reais e ao mesmo tempo muitas residências com animais de companhia. Estes assumem a função de desencadeadores de cascatas neuroendócrinas na busca pela felicidade empreendida por trabalhadores explorados, com pouco dinheiro e sem tempo livre.

Carla Maria dos Santos Silva escreveu “Córrego, quintais e vielas: espaços de convívio multiespécie na Vila Guaraciaba”. A Carla é graduanda em História e no capítulo reflete sobre a organização social multiespécie da Vila Guaraciaba e a relação com o espaço, principalmente numa re-

gião da Vila onde quintais, vielas, um córrego e um muro separando o bairro da universidade conformam um ambiente particular. Nas periferias urbanas é persistente a preocupação com o espaço, sua falta e a ocupação do disponível. Portanto, um quintal que poderia ser um cômodo e continua quintal tem muito a dizer. A Carla ouviu as histórias dos quintais e a partir delas nos revela lugares com mata ciliar, de lazer, fontes de renda, de socialização, de hortas e de criação de animais. Ouviu também o que não foi perguntado no questionário e o contrasta com o perguntado. É o caso de uma moradora que tinha por passatempo olhar cobras e lagartos perseguindo ratos no córrego; no questionário, coerentemente, a moradora não relatou a existência de animais que a incomodassem. De forma semelhante, contrasta a ausência de questões sobre animais comunitários no questionário com a vida social das vielas por vezes organizada entorno do cuidado coletivo de animais que oscilavam entre o abandono e o estatuto semidomiciliado. Essas e outras oscilações são vistas pela Carla desde uma perspectiva biopolítica. E voltando ao questionário, ela comenta como questões de demografia animal, por um lado, tornavam a entrevista mais cansativa e, por outro, a facilitavam com os entrevistados que gostavam de falar dos seus animais de estimação.

Dayane Pereira de Souza é graduanda em Engenharia Elétrica e seu capítulo intitula-se “Laços entre ani-

mais”. Como em outros capítulos, neste se fala da reação dos moradores frente a um censo mais-que-humano. A Dayane diz que os moradores ficavam felizes ao saber que uma pesquisa que traria benefícios sociais não se esqueceu dos seus animais. Conta a história de uma avó entusiasmada ao responder questões sobre seus gatos e sinaliza a importância da companhia que os idosos recebem dos outros animais, especialmente nas periferias, onde as opções de lazer e socialização para idosos são insuficientes e desconhecidas. A solidariedade e os afetos multiespécies marcam o relato da Dayane, porém, os conflitos mencionados tangencialmente tornam-se conspícuos. Assim, ela escreve sobre moradoras que em meio à escassez material tinham compaixão suficiente para dividir e acolher animais abandonados, mas também tinham perdido animais por envenenamento. Se por um lado há compaixão, por outro lado a intolerância leva ao abandono e à morte. A Dayane relata a presença de animais das ruas cuidados coletivamente, mediante esforços comunitários como campanhas de adoção nas quais a equipe do censo chegou a colaborar.

A Jacqueline, doutoranda em Mudança Social e Participação Política, é a autora de “Deixem-nos respirar! Uma breve perspectiva sobre o cotidiano das famílias em meio ao racismo ambiental e necropolítica na comunidade Jardim Keralux – ZL/SP”. Ela retoma os problemas habitacionais e sanitários na várzea do Rio Tietê desde o século XIX e



os relaciona com a marginalização que a população negra vem sofrendo desde o fim da abolição da escravatura. Visto de outra forma, os relaciona com a apropriação de espaços socioeconomicamente vantajosos por parte dos grupos dominantes. É nesse contexto, na continuidade do paradigma colonial, que se situa o Jardim Keralux com sua população economicamente pobre, oprimida racialmente e submetida a crimes ambientais. No Keralux há descaso estatal, mas acima de tudo ou por meio deste, preservam-se espaços favoráveis à violação de direitos. Entretanto, a comunidade luta para se organizar em meio às forças que tendem a moldá-la e sujeitá-la. Resiste e se mobiliza para reivindicar demandas locais em fóruns e outros espaços formais. Como parte das resistências, a Jacqueline destaca o fato do Keralux estar na maior metrópole da América do Sul e mesmo assim manter elementos rurais: criação de animais de produção e transporte de mercadorias em carroças; o fato de ter uma Unidade Básica de Saúde insuficiente para as necessidades do território e, ao mesmo tempo, produção de ervas medicinais para auxiliar tratamentos alternativos com benzedadeiras e curandeiras. A Jacqueline vê no entendimento do processo de formação da comunidade possibilidades de ressignificação de subjetividades e espaços.

Adna Ribeiro é autora de “Viagens Rotineiras” e graduanda em Medicina Veterinária. Mora na periferia e depende seis horas diárias no transporte público, conseguindo

habitar sua moradia à luz do sol apenas aos finais de semana. A Adna continua se perguntando como é possível aguentar tal rotina, pois ela vem acompanhada de má alimentação, uma jornada acadêmica insensível às dificuldades externas e políticas de mobilidade que pioram o que já está ruim. Na faculdade recebe instruções para explorar eficientemente populações de animais, no transporte diário vê instruções análogas a ela aplicadas. Para além de uma simples analogia, coloca as duas situações dentro do mesmo sistema desenhado para manter o privilégio das elites. A Adna chega às 8 da manhã já exausta na universidade, para encontrar um ambiente que não a representa, onde as pessoas que trabalham muito e ganham pouco em serviços terceirizados se parecem com ela. Como exceção à hostilidade da universidade cita os projetos da rede SUP, com os quais se identifica. Também traz referências à cultura de rua, além de comentários sobre mudanças no convívio multiespécie ao longo dos anos no seu bairro e nas histórias familiares.

“As mulheres do Keralux e seus animais de companhia: uma dentre tantas relações de afeto na periferia”, é o capítulo escrito por Caio Gabriel da Silva, estudante de Letras. Aqui, o assunto central são as relações de afeto entre mulheres idosas e animais nas famílias multiespécies. O Caio nos compartilha exemplos que ilustram a marcada presença nordestina no bairro, carregada de costumes e relações com a terra, animais e plantas. No caso do recorte demográfi-

co que ele mais aborda, atenta-nos para a condição solteira ou viúva das idosas que encontram nos animais uma forma de evitar a solidão. Contudo, seus exemplos não se restringem a isso, abordam também a importância da companhia multiespécie para homens idosos, e os afetos que motivam o acolhimento de animais, em especial os que se encontram em situação de rua. Para situar melhor as relações multiespécies encontradas no Keralux, o Caio traz uma abordagem antrozoológica, desde a qual contrasta o individualismo das sociedades modernas às necessidades sociais de humanos e outros animais. O ethos moderno é relativizado mediante a afirmação de algo que às vezes é esquecido: outras formas de ser e de se relacionar são possíveis. Não é só uma questão de solidão, trata-se também de poder se relacionar com o outro sem perpassar pela dominação, sem antropocentrismo. O Caio encontra exemplos concretos de tal possibilidade no Keralux e os complementa com uma referência ao perspectivismo ameríndio do Viveiros de Castro.

Diana Cristina Enriquez Cueva e Rafaela Campos, estudantes de Ciências biológicas e Geografia, respectivamente, escrevem o capítulo “A relação dos moradores das ruas Helenira de Rezende e Beira Rio, do Jardim Keralux – São Paulo (SP), com o meio ambiente e os animais sinantrópicos”. Nele concentram a atenção numa região próxima a um córrego a céu aberto e recentemente ocupada, após o último censo demográfico do IBGE. A contaminação quí-

mica do córrego, procedente de atividades industriais, soma-se ao acúmulo de biogases no solo da região, resultante da decomposição de restos animais e vegetais na várzea do Rio Tietê. Esse acúmulo tem afetado inclusive a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), que à diferença do Keralux, não é uma periferia urbana e tem conseguido implementar tratamentos de drenagem de gases. Às ruas analisadas neste capítulo devem se acrescentar outros problemas: os domicílios sofriam mais com a falta de coleta de resíduos domésticos na porta das moradias e com a falta de ligação à rede de esgoto. Consequentemente, era mais comum o descarte de resíduos sólidos e de esgoto no córrego. Além do mais, deve-se notar que o córrego é contíguo ao Parque Ecológico do Tietê e nele confluem uma maior diversidade de fauna e flora e os resíduos domiciliares. Assim, cria-se um ambiente propício para várias espécies sinantrópicas e, portanto, outra preocupação para os moradores da Helenira de Rezende e da Rua Beira Rio. Nas considerações finais, a Diana e a Rafaela apontam melhorias incorporadas no território mediante esforços comunitários organizados, porém insuficientes para resolver externalidades industriais e de urbanização.

Isamara Oliveira Guimarães é graduanda em História, enquanto Paulo Rogério Nunes dos Santos é estudante de Arquitetura e Urbanismo. Ambos escrevem “Reflexão sobre a relação humano-animal na comunidade São Remo”,

aventurando-se em releituras foucaultianas entrelaçadas com histórias fictícias e croquis de domicílios por eles recensados. Num primeiro momento, a reflexão é sobre sistemas de classificação na episteme clássica trabalhada pelo Foucault, sobre o antropocentrismo a partir do qual o sistema de classificação baseia-se na distância de outras espécies em relação aos humanos, e nessas distâncias assenta-se um aparato de subjugação. O sistema classificatório também funciona entre humanos, alguns estando mais ao centro e outros sendo mais explorados. A Isamara e o Paulo veem práticas de dominação entre humanos informadas pelo discurso especista e trazem analogias que o Joseph Pugliese faz entre humano-animal e racional-irracional na leitura de *História da loucura*, através de lentes “desantropocentrizantes”. Num segundo momento, os questionamentos são sobre as intervenções humanas na biologia de outras espécies animais, aproveitando exemplos que encontraram na São Remo. Castração e capacidade de resistência animal são discutidas nesse contexto. Finalmente, o texto volta-se às relações de poder de forma mais direta, abordando transgressões identificadas nos comportamentos dos animais e situações que sujeitam humanos e outros animais. Neste último caso, a Isamara e o Paulo comparam, mantendo as devidas ressalvas, a situação de uma família de imigrantes bolivianos e de animais silvestres na São Remo, pois em ambos os casos encontraram confinamento num ambiente estranho e circunstâncias que docilizam corpos.

“Reflexões sobre a periferia: uma abordagem histórica e conceitual das relações sociais dentro da saúde e de composições multiespécies” é o capítulo escrito por Fagner de Souza Gonçalves, graduando em Lazer e Turismo. Ele abre questionando a dicotomia *campi*/vizinhança periférica dos *campi*, que por um lado representa a construção de lugares para o desenvolvimento educativo e, por outro, construções para abrigar a quem constrói. Contudo, no Jardim Keralux e na Vila Guaraciaba não se trata de um território inicialmente ocupado em função da construção da EACH-USP. Segundo um morador entrevistado pelo Fagner, nos anos 1980 havia trabalhadores da indústria Keralux S.A que moravam na fábrica e, após uma demissão em massa, passaram a residir no território e aceleraram seu adensamento populacional. Os legados industriais vão além, como constata os registros de infrações ambientais cometidas pela Bann Química Ltda., resgatados no capítulo. A detecção de tais crimes ambientais no Keralux são um exemplo concreto do que se conceitua como função sentinela da saúde animal. Nesse caso, a morte de animais foi um sinal de alerta desdobrado em fiscalizações que levaram à identificação de um problema de Saúde Única: ambiente, animais e humanos acometidos pela contaminação química. Por se tratar de um agravo num contexto capitalista no qual a geração de lucro é mais importante que o bem viver de coletivos multiespécies marginalizados, o Fagner adota uma perspectiva de Saúde

Única em Periferias (SUP). Assim, pode-se pensar num processo histórico expressado em perfis epidemiológicos distribuídos heterogeneamente dentro do território e, marcado por exclusão social mais-que-humana, precariedade urbana e comorbidades decorrentes da imposição de fatores de risco.

“Inclusão dos animais de estimação como membros da família e adaptação à vida moderna” é o capítulo escrito pela Raquel Pereira Ires, graduanda em Geologia. O ponto de partida é o cruzamento de duas tendências presentes em várias cidades ditas modernas ou em busca da modernização: o aumento no número de famílias com animais de companhia e a redução no tamanho das residências, do qual resulta a intensificação das interações multiespécies. Os animais são obrigados a modificar comportamentos próprios da sua espécie e da sua individualidade, a fim de adequá-los à vida moderna. A Raquel vê nas propagandas do mercado *pet* uma das causas da popularidade dos animais de companhia, com efeitos provavelmente condicionados pela classe social. Na sua experiência no censo, verificou a presença comum de famílias multiespécies no Jardim Keralux e percebeu a preocupação e o esforço das pessoas para prover cuidado, saúde e segurança aos seus companheiros de outras espécies. Entretanto, a Raquel problematiza o estatuto de membro da família conferido aos animais, notando as diferenças morais mantidas entre humanos e não humanos, a posição subordinada destes últimos, bem como a vulne-

rabilidade decorrente da facilidade com que tal estatuto é perdido. A Raquel também considera diferentes posições hierárquicas em função da espécie, sendo cães e gatos frequentemente mais privilegiados nos discursos morais e na indústria *pet*. Por outro lado, comenta sobre esse estatuto como alvo de constrangimento social, uma vez que há tutores julgados por tratar o “bicho como gente”, ameaçando assim a fronteira que mantém a excepcionalidade dos humanos e os separa de outros animais. Em suma, o capítulo afasta-se de concepções simplistas da família multiespécie e convida olhares mais aprofundados.

A Nayara Klinger Castilho dos Santos é estudante de Geografia e autora do capítulo “A relação entre humano e cão é mais do que uma amizade”, no qual refere-se a sepulturas milenares de humanos e cachorros e menciona os diversos marcadores sociais dos humanos que se envolvem nessa relação. A Nayara também ilustra a distribuição global da relação trazendo estimativas populacionais. No caso do Brasil, referencia uma conhecida figura gerada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): nos lares brasileiros há mais cães que crianças. Na sua experiência de campo durante o recenseamento, a Nayara verificou a popularidade dos cães e a diversidade de espécies com as que os humanos se relacionam em contextos domiciliares e comunitários. Para além das relações numéricas, no capítulo encontramos também sutilezas do convívio entre humanos



e cachorros. Numa das moradias recenseadas, a entrevistada se dividia entre as perguntas do questionário e a demanda de atenção do seu companheiro canino. Entre as múltiplas interrupções, a Nayara se deparou com a mesa e a cadeira destinadas à alimentação do cachorro, quando não com as histórias pelas quais a mulher enaltecia atributos que diferenciavam seu filho canino de outros cachorros.

“Política da morte, educação e saúde: o que estão fazendo com nossas vidas?” é o capítulo escrito pela estudante de Medicina Veterinária, Mayara Bertanhe. Marcada pelos esforços desmedidos da mãe e do pai para que ela tivesse acesso à educação de qualidade, ela nos mostra alguns dos entraves a serem enfrentados por quem na periferia ousa investir na educação. Ora, a mãe pernoitando na fila para tentar garantir uma vaga na escola pública, ora a Mayara estudando numa cidade e morando em outra. Chegou à universidade corriqueiramente classificada por rankings coloniais como a melhor da América Latina e sabe bem que não foi por mérito. Há um abismo social e só uma ponte frágil que não aguenta o peso das massas. Ela teve a sorte de cruzá-la e a consciência do percurso mostrou-lhe que é um programa de Estado o que mantém os dois lados na distância. Por isso encontra eco nas palavras do Darcy Ribeiro – “[...] a crise educacional do Brasil, da qual tanto se fala, não é uma crise, é um programa. Um programa em curso, cujos frutos, amanhã, falarão por si mesmos” – e

na necropolítica do Achile Mbembe. A jovem virologista vai além do cânone biomédico. A preocupação da Mayara com a educação e a determinação social da saúde assumiu várias formas nas trocas de saberes dos projetos educativos da rede SUP: ensaios de bateria, conversas sobre zoonoses, promoção do bem-estar animal, prevenção de mordeduras e cuidado do ambiente.

“O caráter multiespécie e multidimensional das noções de bem viver latino-americanas” é o capítulo final escrito pelo doutorando Gabriel Castro Siqueira Júnior, o pós-doutorando Bruno Simões Gonçalves e o professor Alessandro de Oliveira dos Santos, todos do Instituto de Psicologia da USP. A colonialidade, a modernidade e as culturas não ocidentais, comentadas em outros capítulos, convergem aqui na apresentação de uma alternativa ou, mais precisamente, um conjunto de alternativas reunidas pela expressão “bem viver”. A tendência individualizante da modernidade e a consequente dificuldade de pensar para além do benefício próprio contrasta com a coletividade a partir da qual povos indígenas da América Latina se relacionam com outros seres, animados e inanimados, sob “uma concepção de mundo em que o território, enquanto espaço de vida, é a medida para todas as coisas e, portanto, tem um valor intrínseco e independente da utilidade que tem para o ser humano”. Desde o bem viver torna-se mais evidente a arbitrariedade e contingência de modelos ocidentais que oprimem

e marginalizam mediante a insistência em arranjos sociais rígidos com relação a seus elementos e formas de relação, como é o caso da família humana, heteronormativa, consanguínea e patriarcal. Os povos que praticam o bem viver, alguns desprovidos de um termo equivalente à “saúde”, são uma referência para o campo da saúde, especialmente o da promoção que em vários sentidos se propõe chegar a, e vai descobrindo, modos de bem viver com uma longa história latino-americana. Assim, os autores reforçam a perspectiva decolonial da Saúde Única em Periferias e com esta compartilham o entendimento do bem viver não como indicativo de um contexto indígena a ser replicado e sim como demonstração de que outras formas de organização social asentadas no bem comum e mais-que-humano são possíveis.